

DA FRONTEIRA

Foz do Iguaçu, março — Na cidade há um hotel, propriedade do Estado do Paraná, entregue a um capitão da Força Pública paulista que tem ar de tudo, menos de hotelheiro, mas possui as qualidades militares de ordem e limpeza. As camas são saudavelmente duras e se você quer uma caixa de fósforos não pode pagar a dinheiro, mas deve assinar um vale — pois a ordem é esta; mas a casa é limpa e a comida razoável. Apenas recomendo a quem desejar visitar as quedas fora do bando de turistas que a Real traz nos fins de semana, que pergunte antes o preço do carro, para não levar um choque. E é, por Deus, é preciso visitar as quedas do Iguaçu.

Chegamos, e então aquilo tudo está acontecendo de maneira imensa, o mato, a água, as pedras, o ar. Aquilo está havendo naquele momento, como o movimento de um grande animal bruto e branco morrendo, cheio de uma espantosa vida desencadeada, numa agonia monstruosa, eterna, chorando, clamando. E até onde a vista alcança, num semicírculo imenso, há montes de água estrondando nesse cantochão, árvores tremendo, ilhas dependuradas, insanas, se tocando de arco-íris, nuvens voando para cima, como o espírito das águas trucidadas remontando o sol, fugindo à torrente estreita e funda onde tôdas essas cachoeiras juntam absurdamente suas águas esmagadas, ferventes, num atropelo de espumas entre dois muros altíssimos de rocha.

E na terra em que pisamos junto ao abismo, a cara molhada, os pequenos bichos do mato se movem num perpétuo susto, como se nosso movimento fôsse uma traição acobertada pelo estrondo dessa catedral caindo absurda para as nuvens de vapor e espuma, com tôda uma orquestra de órgãos estrondando. Um avião passeia sobre as cataratas, mas éle ronda alto, como se tivesse medo de ser tragado pela respiração do monstro de água vibrando no ar. Do lado argentino, uma longa ponte sobre os saltos e um sábio caminho entre a floresta nos leva à intimidade de muitos saltos, num passeio maravilhoso que é um equilíbrio entre o idílico e a epopéia, entre o mais suave segrêdo do mato e da água, o mais tímido murmúrio nas pedras e o grande estrondo da massa se precipitando no ar.

Um bando de papagaios passa para um lado, gritando; como em resposta vem depois, da mata escura, um bando de tucanos que, ao pousar, parecem estudar o equilíbrio entre o corpo e os grandes bicos coloridos. As borboletas invadem os caminhos e picadas, bandos e mais bandos, amarelas, vermelhas, azuis, com todos os caprichos do desenho e da côr, avançando no seu vôo desarrumado e trêmulo, como flores tontas caídas da floresta sobre os caminhos úmidos.

Não, não há o que escrever sobre as quedas do Iguaçu; seria preciso viver longamente aqui, nesse mato alto, entre cobras, veados, antas e onças, viver longamente nesse mato, em volta desse estrondo, e vir, nas manhãs e nas noites, vagar entre as nuvens e a espuma, a um canto do abismo fundo, com terror, com unção.